

## A UTILIZAÇÃO DAS VARIANTES MAINHA E PAINHO PELOS FALANTES DE JEQUIÉ – BAHIA

Lucélia de Souza dos Reis Santos (UNEB)  
[lucelykings@hotmail.com](mailto:lucelykings@hotmail.com)

### 1. Introdução

Esse trabalho surgiu do interesse de investigar as variadas formas de tratamento dirigidas aos pais na cidade de Jequié. Podemos notar de forma assistemática um aumento do uso de outras variantes pelos falantes mais jovens da referida cidade como: *mamãe, papai; minha mãe, meu pai; mãezinha, paizinho*; além das formas *mainha e painho*. A crescente utilização dessas variantes pode ser um fator ocasionador da diminuição do uso da variante *mainha*. Dessa maneira, vimos a necessidade de analisar essa variação mediante a pesquisa.

É sabido que o uso de *mainha* e *painho* para se dirigir ou falar dos pais se constitui numa forma de tratamento marcante do interior da Bahia. Entretanto, com respeito à cidade de Jequié, percebemos uma diminuição desse uso em falantes mais jovens. Essa percepção despertou em nós o interesse de realizar uma pesquisa voltada a verificar em diferentes faixas etárias e gêneros a utilização da variável pelos falantes jequeenses.

Surgiu a hipótese de que a preferência das variantes *mainha* e *painho* pelos falantes mais jovens é uma ocorrência que pode estar relacionada à idade e ao gênero dos indivíduos. Ademais, pode ser relativa à valorização que os falantes de cada grupo dão às diferentes variantes.

Nesse sentido, esse trabalho se direcionou a identificar restrições sociais envolvidas na escolha das variantes de tratamento dado aos pais pelos falantes jequeenses. Ademais, buscamos estabelecer o grau de condicionamento das variáveis gênero e idade na escolha das variantes, e ainda, fazer uma abordagem, mediante a análise dos dados coletados, sobre os fatores que levam à utilização de determinada variante com mais frequência em cada faixa etária.

### 2. Abordagens teóricas

Convivemos numa sociedade hierarquizada, com diferentes escalas de valores que se refletem de forma consciente ou não nas comunicações linguísticas estabelecidas pelos falantes. Assim, a língua consiste

num meio de identificação social. De acordo com o meio social no qual esteja inserido o indivíduo, procurará ter um falar condizente com as exigências de seu grupo. Segundo Martinet (1964) “Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica...” Assim como comunidades, falantes de meios sociais diferentes vivem experiências diferentes que repercutem em seus usos linguísticos.

A sociolinguística é uma vertente da linguística que tem como principal objetivo o estudo da língua em situação de uso. Silva Corvalán (1998, p.1) define sociolinguística como “o estudo daqueles fenômenos linguísticos que têm relação com fatores do tipo social. Estes fatores sociais incluem os diferentes sistemas de organização política, econômica e social de uma comunidade.” Os usos variáveis podem ser correspondentes a diferentes faixas etárias, classes sociais, grau de escolaridade, sexo/gênero, etnia ou grupo profissional. A sociolinguística parte do princípio de que toda língua é heterogênea. Silva Corvalán (1998, p. 1) afirma que:

A sociolinguística é uma disciplina independente... que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente de explicar a variabilidade de linguística, de sua inter-relação com fatores sociais e do papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística.

Portanto, essa ciência não estuda a língua de maneira isolada, fora de um contexto, ao contrário, ela acredita que “toda língua se organiza no intuito de cumprir uma função social e comunicativa,” Silva Corvalán (1998, p. 2).

Para Labov (2008, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.” Nesse sentido, as pressões sociais condicionam para a efetivação das mudanças linguísticas. A língua está sempre sujeita a mudanças e muitas dessas mudanças são resultantes de fatores sociais.

Com respeito à variação por faixa etária Campoy e Almeida (2005, p. 40) afirmam: “a conduta inovadora ou conservadora do indivíduo normalmente se vê diretamente afetada, entre outros motivos, pelo ciclo de vida que se encontra e, conseqüentemente, o modo ou estilo de vida que segue.” Assim, podemos inferir que, a cada faixa etária - infância; adolescência; maioridade - corresponde um estilo de vida de cada fa-

lante, e essas diferenças incidirão em diversificações de usos linguísticos pelos falantes.

Com respeito a variação por gênero, Fernández (1998, p. 37) procura mostrar em suas discussões alguns fatores que levam às diferenças linguísticas de gênero de acordo com as investigações sociolinguísticas:

A mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; dito de outra forma, as mulheres demonstram uma atitude mais positiva que os homens, elas fazem usos que se ajustam à norma, ao invés dos homens que direcionam seu uso aos chamados vernáculos e às variedades locais com mais intensidade de que as mulheres.

Dessa maneira, para Fernández, a mulher tem mais predisposição a utilizar formas de prestígio que os homens. O autor em seu texto supracitado comenta, com outras palavras, sobre a força coercitiva da sociedade sobre a mulher, induzindo-a a adotar uma conduta específica na busca de conquistar seu espaço.

Os autores Chambers e Trudgill (1994) também discutem a variável gênero. Eles abordam os distintos papéis exercidos por homens e mulheres na difusão das mudanças linguísticas, a partir disso apontam alguns fatores como, por exemplo, com outras palavras, as reduzidas oportunidades para as mulheres induzem às mesmas a tentar conquistar um espaço mediante sua aparência e comportamento (também linguístico); as mulheres tendem a participar de redes menos coesivas, estão menos sujeitas às pressões grupais e, ainda, estão mais acostumadas com situações mais formais, por conta disso se preocupam em falar de maneira mais formal.

### 3. *Metodologia*

Na pesquisa dividimos nossos informantes em dois grupos de faixas etárias diferentes: 18-30; 50-65 anos; 8 (oito) informantes de cada grupo – 04 (quatro) homens e 04 (quatro) mulheres. O perfil do informante foi de pessoa que tivesse filho, já que consideramos imprescindível à nossa pesquisa saber como esses pais estavam ensinando seus filhos a chamá-los ou como os filhos deles costumavam se referir a eles. Dessa maneira, ao questionário aplicado a esses informantes foram acrescentadas algumas questões referentes ao uso das variadas formas de tratamento dirigidas aos pais por seus filhos. Ainda com respeito ao perfil do informante, nossa pesquisa somente foi aplicada a pessoas que nunca pas-

saram mais que 02 (dois) anos fora da cidade. O questionário utilizado na entrevista encontra-se no anexo 01.

Para as nossas análises dividimos nosso questionário em duas partes: A primeira é relativa às respostas dos informantes adultos, equivalentes às perguntas de número 1 a 17 do questionário. A segunda parte é relativa às respostas às perguntas 18 a 22 referentes aos filhos dos informantes. De um agrupamento de 17 questões (1ª à 17ª do questionário) a 08 informantes obtivemos 136 respostas. De um agrupamento de 05 questões (18ª à 22ª do questionário) a 08 informantes obtivemos 40 respostas.

Além das observações acima, também pesquisamos os usos das variantes com respeito às circunstâncias de interação. Nesse sentido selecionamos 10 questões do nosso questionário referentes a situações das quais classificamos como “mais” intimidade e “menos” intimidade. As cinco questões selecionadas para o item “mais” intimidade foram: 07, 08, 09, 11, e 16. As cinco questões selecionadas para o item “menos” intimidade foram: 10, 12, 13, 14 e 15. Cinco questões vezes quatro informantes de cada faixa equivalendo assim a vinte respostas para cada faixa.

#### 4. Apresentação e análise dos dados

A seguir traremos tabelas que levam em consideração as variáveis sociais faixa etária e gênero.

Tabela 01

FAIXA ETÁRIA								
Nº DE OCORRÊNCIAS								
IDADE (anos) → VARIANTES	FAIXA 1				FAIXA 2			
	18-30	%	Filhos da F1	%	50-65	%	Filhos da F2	%
Mãe – Pai	02/68	2,9	02/20	10	33/68	48,5	05/20	25
Mainha /Painho	56/68	82,3	04/20	20	17/68	25	10/20	50
Mamãe/ Papai	-	-	04/20	20	05/68	7,4	05/20	25
Minha mãe/ Meu Pai	03/68	4,4	09/20	45	12/68	17,6	-	-
Mãezinha/Paizinho	-	-	-	-	01/68	1,5	-	-
Minha filha/Meu filho	05/68	7,4	-	-	-	-	-	-
Minha velha/ Meu velho	01/68	1,5	-	-	-	-	-	-
Nome / apelido	01/68	1,5	-	-	-	-	-	-
Sem resposta	-	-	01/20	05	-	-	-	-

O número total de ocorrências igual a 136, como citado anteriormente, dividido por duas faixas etárias 01 e 02, relativo às respostas dos informantes adultos, resultam em 68 ocorrências em cada grupo etário. Com respeito aos filhos dos informantes da faixa 01 e 02, o número total de ocorrências igual a 40 dividido por dois grupos etários resultam em 20 respostas em cada grupo.

Na primeira tabela vemos retratada uma característica do interior da Bahia – Jequié: a grande utilização das variantes *mainha* e *painho*. Podemos ver, mediante a tabela, que essas variantes foram usadas pelos falantes de todos os grupos, sendo a mais utilizada em cada grupo também, com exceção do grupo 2 (50-65 anos), no qual predominou a utilização das variantes *mãe* e *pai*. Ademais podemos notar que as variantes *mainha* e *painho* tiveram maior preferência pelos informantes adultos da faixa etária 01 (18 – 30 anos), já os filhos dessa faixa etária 01 preferiram utilizar as formas de tratamento: *meu pai* e *minha mãe*, o que podemos considerar a influência de uma nova forma de tratamento em Jequié. É possível que tenhamos um processo de mudança em curso do uso das formas de tratamento devido à preferência desse público mais jovem. A tabela também mostra o maior uso das variáveis *mãe* e *pai* pelos falantes da faixa etária 02 (50 – 65 anos). Os filhos dos informantes da faixa etária 02 utilizaram em maior porcentagem as variantes *mainha* e *painho*, é possível que esses filhos tenham idades próximas aos informantes adultos da faixa etária 01 (18 – 30 anos), essa pode ser a justificativa para que tanto os falantes adultos da faixa etária 01 quanto os filhos dos informantes da faixa etária 02 (50 – 65 anos) utilizem em maior porcentagem as variantes *mainha* e *painho*.

Tabela 02

VARIÁVEL GÊNERO				
Nº DE OCORRÊNCIAS				
VARIANTES	GÊNERO			
	HOMENS	%	MULHERES	%
Mãe/ Pai	16/68	23,5	19/68	27,9
Mainha / Painho	42/68	61,7	31/68	45,6
Mamãe/Papai	01/68	1,5	04/68	5,9
Minha mãe /Meu Pai	02/68	2,9	13/68	19,1
Mãezinha/Paizinho	-	-	01/68	1,5
Minha filha/Meu filho	05/68	7,4	-	-
Minha velha/ Meu velho	01/68	1,5	-	-
Nome / apelido	01/68	1,5	-	-

Observando a tabela acima, podemos ver que tanto homens quanto mulheres responderam, em maioria, o uso das variantes *mainha* e *pai*-

nho. A diferença de utilização das variantes *minha mãe* e *meu pai* entre homens e mulheres foi consideravelmente grande, em vista de 19,1% de ocorrências para mulheres enquanto 2,9% de ocorrências para homens.

Tabela 03

VARIÇÃO RELATIVA A CIRCUNSTÂNCIAS								
VARIANTES	FAIXA ETÁRIA							
	(+ ) INTIMIDADE				(- ) INTIMIDADE			
	FAIXA 1	%	FAIXA 2	%	FAIXA 1	%	FAIXA 2	%
Mãe / Pai	-		10/20	50	02/20	10	10/20	50
Mainha/Painho	15/20	75	05/20	25	16/20	80	05/20	25
Mamãe /Papai	01/20	05	01/20	05	-		-	
Minha mãe / Meu Pai	-		04/20	20	-		05/20	25
Mãezinha/ Paizinho	-		-		-		-	
Minha filha / Meu filho	04/20	20	-		01/20	05	-	
Minha velha – Meu velho	-		-		01/20	05	-	

Na tabela número 03 as respostas do grupo etário 02 tem uma variação muito pequena entre “mais” e “menos” intimidade, haja vista que somente as variantes *mamãe* e *papai* não apareceram no item “menos” intimidade. Na observação da tabela, podemos inferir que essas variantes foram substituídas pelas variantes *minha mãe* e *meu pai* no item “menos” intimidade. Ao perguntar a esses falantes sobre essa observação, eles disseram que, quanto ao item “menos” intimidade, corresponde à cultura da época deles, segundo eles, com outras palavras, no tempo em que eram crianças jamais eles se permitiriam sentir algum sentimento indiferente com os pais que o fizessem mudar a sua forma de tratá-los. Quanto ao item “mais” intimidade, eles disseram que as relações entre pais e filhos não permitiam aproximações entre eles que levassem os filhos a mudar a forma de se referir aos pais. Com respeito à faixa 1, como mostra a tabela, encontramos um contexto variacional a depender da intimidade ou não do indivíduo. Note que aqui é utilizada também as variantes *minha filha – meu filho* e *minha velha – meu velho* em situação comunicativa mais íntima.

A tabela a seguir corresponde aos demonstrativos de “mais” e “menos” intimidade com relação à variável gênero.

Tabela 04

VARIAÇÃO RELATIVA ÀS CIRCUNSTÂNCIAS								
VARIÁVEL GÊNERO								
Variantes	(+) INTIMIDADE				(-) INTIMIDADE			
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%
Mãe/ Pai	05/20	25	05/20	25	05/20	25	07/20	35
Mainha/Painho	10/20	50	10/20	50	13/20	65	08/20	40
Mamãe / Papai	-		01/20	05	-		-	
Minha mãe/ Meu Pai	01/20	05	04/20	20	-		05/20	25
Mãezinha/ Paizinho	-		-		-		-	
Minha filha/Meu filho	04/20	20	-		01/20	05	-	
Minha velha/ meu velho	-		-		01/20	05	-	

Nessa tabela se verifica no item “mais” intimidade maior utilização das variantes *mainha* e *painho* pelos falantes, além disso, os resultados de utilização dessas variantes pelos falantes de ambos os sexos foram iguais. No item “menos” intimidade os homens utilizaram em maior porcentagem que as mulheres as formas de tratamento *mainha* e *painho*, entre as mulheres essas formas foram as mais utilizadas também.

## 5. Conclusão

Nosso trabalho permitiu, de modo simples por ser uma pesquisa piloto ainda, o conhecimento das formas de tratamento direcionadas aos pais mais utilizadas por falantes de Jequié, em diferentes faixas etárias e gênero. E ainda, outras variantes utilizadas por jequieenses a depender da situação comunicativa.

A pesquisa mostrou pessoas com idades diferentes utilizando variantes diferentes. Da faixa etária 02 (50 – 65 anos) obtivemos mais respostas de utilização das variantes *mãe* e *pai*; acerca dos filhos dessa faixa etária juntamente com os informantes da faixa etária 01 (18 – 30 anos) houve mais respostas quanto ao uso das variantes *mainha* e *painho*, e sobre os filhos dessa faixa etária 01 obtivemos em maior porcentagem respostas quanto ao uso das variantes *minha mãe* e *meu pai*. Assim podemos confirmar nossa hipótese de que o aumento ou diminuição do uso das variantes *mainha* e *painho* poderia estar relacionado à faixa etária dos indivíduos. Nesse sentido ressaltamos o que discute Campoy e Almeida (2005, p.40), com nossas palavras, que o ciclo de vida do indivíduo influi diretamente na escolha dos usos linguísticos que o mesmo faz.

No item “mais” ou “menos” intimidade podemos comprovar a variação linguística a depender da situação comunicativa. Na faixa etária 01 observa-se maiores diferenças de escolhas das variantes em situações de “mais” e “menos” intimidade, já no demonstrativo da faixa 02 a frequência de utilização das variantes entre as duas situações sofre pouca alteração. Tal fator está relacionado à idade, ao ciclo de vida do falante, já que, como comentado no capítulo anterior, o grau de aproximação entre pais e filhos menos íntima que os tempos modernos servia de obstáculo para que o falante da faixa etária 02 não tivesse tanta espontaneidade na mudança do uso da variante em circunstâncias de “mais” ou “menos” intimidade.

Com respeito à variável sexo, predominou a utilização das variantes *mainha* e *painho*. É importante acentuar que as variantes *minha mãe* – *meu pai* apareceram de forma marcante entre as falantes mulheres. Em vista que esta variação é uma inovação na cidade, tal fato confirma as discussões de Campoy e Almeida (2005) pois eles comentam, com outras palavras, que as mulheres se destacam por escolherem variações inovadoras. As diferenças quanto à variável sexo se mostraram em maior grau com respeito aos itens “mais” e “menos” intimidade. A preferência das mulheres variou muito no item “mais” intimidade ao contrário dos homens em que predominou a preferência das variantes *mainha* e *painho*.

Esperamos que, desde já, essa pesquisa tenha proporcionado ao leitor uma visão sobre a situação linguística em Jequié com relação ao fenômeno em análise, por exemplo, encontrar a utilização das formas de tratamento *minha mãe* e *meu pai* em Jequié foi algo novo já que a utilização dessas variantes até agora não havia sido notada em observações assistemáticas como característica da fala dos moradores dessa cidade. A pesquisa também mostrou que as variantes *painho* e *mainha* ainda são muito utilizadas pelos falantes de Jequié, acompanhadas dos usos de outras variantes como *minha mãe* – *meu pai*, *mãe* – *pai*, *mamãe* – *papai*, *minha filha* – *meu filho*, ademais a preferência do uso da variante se diferenciará conforme a idade do falante, gênero e situação de comunicação “mais” ou “menos” íntima.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOY, Juan Manuel Hernández; ALMEIDA, Manuel. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Comares, 2005.



FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de sociolingüística e sociologia dellenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINET, A. Elementos de linguística geral. Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa: Liv. Sá da Costa, 1964. (ELG)

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística*. Teoría y análisis. Madrid: Alhambra, 1988.

## ANEXO 01

### QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

01. Como você costuma/costumava se referir a seu pai diariamente?
02. Como você se refere/referia ao seu pai, sua mãe, quando está/estava com os amigos / colegas?
03. Como você se refere/referia ao seu pai, sua mãe, quando está/estava com os irmãos?
04. Como você se refere/referia ao seu pai, sua mãe quando está com outros parentes (avós, tios etc.)? (pensar em situações: exemplo: para relatar um fato ocorrido)
05. Como você se referia a eles quando criança?
06. Quando deixou de tratá-los assim? Por quê?
07. Se quer/quisesse pedir alguma coisa ao pai, como é que fala/falava?
08. Se quer/quisesse pedir alguma coisa à mãe como é que fala/falava?
09. Como pergunta/perguntava a sua mãe qual presente ela gostaria de ganhar?
10. Você quer/quando queria levar o seu pai ao médico / ao dentista/ a reunião/ a Igreja/ a... Como se dirige/dirigia a ele para dizer que já está na hora de sair?

11. Como se dirige/dirigia ao seu pai quando você quer/queria pedir o carro / um CD /...../ emprestado?
12. Você quer/quando queria sair com sua mãe e ela está/estava demorando. Como se dirige/dirigia a ela para apressá-la?
13. Como fala/falava com sua mãe quando você está/estava indisposto / doente / gripado...?
14. Como fala/falava com seu pai / sua mãe quando você está/estava aborrecido com eles?
15. Como você se refere/referia a seu pai ou mãe quando está no telefone?
16. Como você se refere/referia a eles para dirigir-lhes elogios?
17. Em sua opinião, há uma forma mais bonita de se referir a mãe ou pai? Se há, por quê?

Perguntas referentes aos filhos:

18. Como seu filho costuma/costumava tratá-lo?
19. Como você costuma/costumava ensiná-lo a se referir a você?
20. Como ele fala quando está zangado/aborrecido?
21. Como ele fala quando quer pedir algo?
22. Como ele fala quando quer se desculpar de algo?